

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

*Journal de Sta Catarina*

Class.:

01

Data:

08.08.82

Pg.:

**CINE-EXTRA**

190

**Um grito contra o genocídio**

O filme de François Corbineau é um grito. Um grito pela defesa dos indígenas contra esse genocídio cultural a que estão expostos. Avançando em relação a outros filmes que se ocuparam da questão indígena, como Ranni

**TERRA DE NINGUÉM** de François Corbineau, foi apresentado pela primeira vez no Rio de Janeiro durante o Simpósio Internacional pelo Desenvolvimento e Defesa da Amazônia, realizado nos dias 16 e 17 de outubro. Diante de uma assistência numerosa, que ocupava todas as dependências do Instituto Bennett, vários estudiosos da Amazônia confessaram seu choque diante das cenas a que assistiram: embora acostumados ao processo de devastação da Amazônia, inúmeros deles não supunham que a desnacionalização da região e a agressão às comunidades indígenas tivessem chegado ao ponto extremo que o filme documentou.

Ao iniciar a realização de Terra de Ninguém, François Corbineau pretendia fazer apenas um filme de caráter etnográfico, tão no gosto dos franceses. Foi com esse propósito que ele procurou as autoridades ditas competentes, o Museu do Índio, no Rio, e a Fundação Nacional do Índio, em Brasília, para obter informações sobre uma aldeia indígena que guardasse a sua tradição e a sua cultura intactas. Pelas informações oficiais, a aldeia Caximi, no Território de Roraima, às margens do rio Novo, seria um exemplo dessa pureza, dessa resistência às violentações a que os índios são submetidos em outras partes do País. Pois bem. Com suas câmaras, Corbineau encontrou o quadro que Terra de Ninguém nos exhibe:

— Índios catequizados, ou "evangelizados" como preferem alguns, doutrinados para o "bem de suas almas" pela Missão Americana Protestante (Meva) que lhes dá "assistência" há alguns anos;

— toda semana, esses índios participam do culto protestante, não como vieram ao mundo nem

como andariam se não sofressem as influências dos brancos, mas vestidos com calça comprida ou bermuda e camisa, pois, diz o chefe da tribo, o cacique Yakutá, traíndo certa intimidade com a obra de Néelson Rodrigues "toda nudez será castigada"; suas celebrações, ritos e festas desaparecem e só ressurgem de maneira bastante empobrecida nas épocas de Páscoa e Natal — datas dos brancos;

— toda a Bíblia foi traduzida em língua Wai-Wai nos Estados Unidos e constitui a literatura de formação e lazer desses índios. Os índios são aculturados não pela civilização brasileira, mas pela matriz dominante.

**CONCLUSÃO**

Na verdade, os índios Wai-Wai não existem no País, pois os dois únicos sobreviventes morreram. Os Wai-Wai são hoje um aglomerado de cinco ou seis grupos indígenas diferentes que perderam a identidade própria ao terem se juntado em torno dos missionários. Para o pequeno espírito antropológico dos missionários norte-americanos, seria muito mais fácil ensinar apenas uma língua, e nela traduzir a Bíblia, do que ressusitar cinco ou seis.

Em contato com os índios Wai-Wai, um antropólogo elaborou um plano de extração da castanha existente em seu território. "Os índios são os donos das castanhas", pensavam os antropólogos com a esperança do produto da extração revertesse em favor dos indígenas. Como não têm suas terras demarcadas e portanto, não são os donos oficiais da terra, os índios ficaram numa situação de impasse, que se deteriorou logo após a colheita. O antropólogo resolveu solicitar à FUNAI que pedisse a intervenção da Polícia Federal para proteger os donos das terras, os índios. Para surpresa dos colonos e dos próprios índios, que disputavam o produto da extração, a Polícia Federal entendeu que a castanha não era nem de Deus nem do diabo, simplesmente apreendeu toda a produção. Com isso agravou-se o conflito entre duas populações que sempre coexistiram pacificamente na área. O filme de François Corbineau é um grito. Um grito pela defesa dos indígenas contra esse genocídio cultural a que estão expostos.

Avançando em relação a outros filmes que se ocuparam da questão indígena, como Ranni.

Terra de ninguém, levanta aspectos que ainda permanecem desconhecidos pelo menos na consciência da gente comum, levada pela desinformação que nunca é gratuita, a uma visão unilateral do problema.